

O jornalismo e as notícias e falsas: uma questão antiga

Journalism and fake news: an old
question

Periodismo y fake news: un tema viejo

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Aparecido Santos do Carmo
aparecido.jor@gmail.com

Cristóvão Domingos de Almeida
cristovaoalmeida@gmail.com

RESUMO

Trata-se de resenha do livro “Jornalismo e notícias falsas: relações cordiais”. O autor da obra dá um foco especial para as notícias falsas que surgem, na prática jornalística hegemônica, quando os donos dos veículos de comunicação acreditam que precisam mentir para um bem maior, tentando manipular as percepções do seu público. É o que se propõe a refletir o autor, com um ponto de vista crítico e original, além de exemplos reais que sustentam a sua afirmação.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Notícias falsas. Ética profissional. Prática jornalística.

ABSTRACT

This is a review of the book “Journalism and fake news: cordial relations”. The author focuses on the fake news that arises in hegemonic journalistic practice when media owners believe they need to lie for the greater good, trying to manipulate their audience's perceptions. This is what the author sets out to reflect on, with a critical and original point of view, as well as real examples to back up his assertion.

KEYWORDS

Journalism. Fake news. Professional ethics. Journalistic practice.

RESUMEN

Esta es una reseña del libro “Periodismo y noticias falsas: relaciones cordiales”. El autor presta especial atención a las fake news que surgen en la práctica periodística hegemónica cuando los propietarios de los medios creen que necesitan mentir por un bien mayor, tratando de manipular las percepciones de su audiencia. Sobre ello se propone reflexionar el autor, con un punto de vista crítico y original, así como con ejemplos reales que avalan su afirmación.

PALABRAS CLAVE

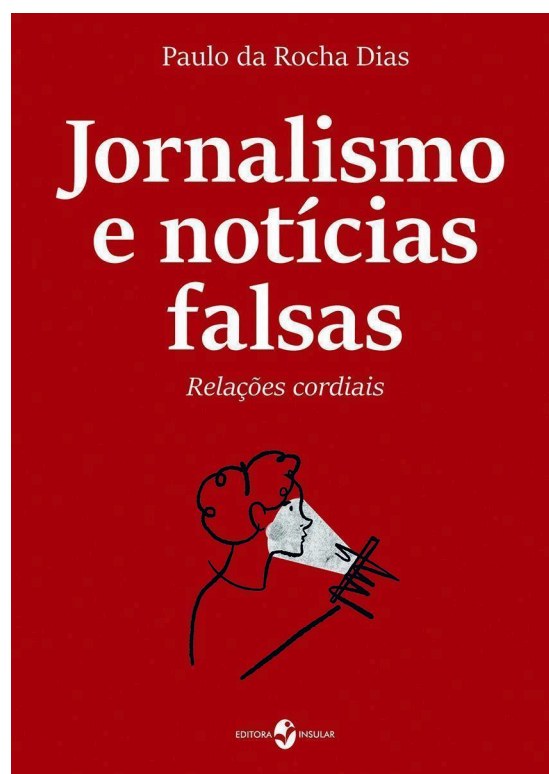
Periodismo. Noticias falsas. Ética profesional. Práctica periodística.

O presente trabalho é uma resenha do livro “Jornalismo e notícias falsas: relações cordiais”, escrito pelo pesquisador Paulo da Rocha Dias, professor do curso de Jornalismo da UFMT. Publicado pela editora Insular, a obra se detém sobre a questão das notícias falsas na imprensa a partir da noção de que os veículos atuam divulgando fatos distorcidos ou até mesmo inventados, sempre que consideram necessário e geralmente por conta da agenda ideológica que melhor atende aos seus interesses. O autor em momento algum questiona a importância social desta prática profissional, mas convida o leitor a refletir sobre o papel da imprensa e a necessidade de preservar a ética profissional para resguardar o jornalismo como um todo.

O ponto de partida do livro foi um acordo assinado entre órgãos de imprensa e o Supremo Tribunal Federal (STF) para o combate das chamadas *fake news*. O argumento que dá sustentação ao livro é o de que “a grande imprensa não tem nem o direito e nem a autoridade moral para combater as notícias falsas e seus mentirosos fabricantes, pois essa mesma imprensa mente e sempre mentiu. Desde o seu surgimento” (Dias, 2022, p. 15).

Nisso, Dias entra em um campo de concordância com o pesquisador Eugênio Bucci (2018, p. 23-24), que destaca que “a mentira de imprensa é tão antiga quanto a imprensa”, citando como exemplo a “violência da linguagem” dos periódicos na virada do século XVIII para o XIX, mas também as “notícias fraudulentas” que ajudaram George W. Bush a criar o clima favorável à invasão do Iraque no início dos anos 2000.

Num primeiro momento essa afirmação de Dias pode gerar um certo desconforto, especialmente nos meios jornalísticos. Mas ao longo da obra, o autor vai apresentando elementos que sustentam a sua afirmação. É o caso de uma matéria publicada pela revista “Veja Brasília” em 21 de fevereiro de 2015. O texto, assinado pelo repórter Ulisses Campbell, fala de uma festa de aniversário de um sobrinho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva por nome de Thiago. A comemoração sairia ao custo de R\$220 mil em espécie, reuniria 180 crianças e cada uma delas teria recebido de presente um iPad. O autor da obra resenhada esclarece, porém, que Lula sequer tinha um sobrinho com esse nome residindo na Capital Federal e a própria revista admitiu que a notícia era falsa dezoito dias depois, na edição de 02 de março daquele ano.



Paulo da Rocha Dias faz questão de contextualizar o momento em que tal informação foi publicada: desde 2013 o Partido dos Trabalhadores e o governo da então presidente Dilma Rousseff tinham se tornado alvos da imprensa hegemônica num movimento que culminou no impeachment, em 2016.

Nesse período, o jornalismo brasileiro mentia deliberadamente e em conjunto. Por uma causa considerada pelos editores de jornais e diretores de veículos de radiofusão uma “causa nobre”, deixaram de lado a ética e os princípios que orientam o jornalismo e se jogaram de corpo e alma na militância política que tem a mentira como sua maior amiga e aliada (Dias, 2022, p. 69).

Para Dias (2022, p. 16), até o surgimento da internet, a imprensa detinha o monopólio da mentira. Não é que o autor coloque as chamadas *fake news* no mesmo patamar que os veículos da imprensa tradicional. Ao contrário, ele admite que “(...) jornais mentem quando acreditam que lhes convém mentir, enquanto os fabricantes de notícias falsas só existem para mentir”. Contudo, os jornais sabem que quando mentiam deliberadamente, seus leitores acreditavam que aquela era a verdade. Com a popularização das redes sociais e da internet como um todo, essa inquestionabilidade dos meios de comunicação tradicionais cai por terra e mais vozes admitidas são incluídas nas conversas estabelecidas com a audiência.

O primeiro capítulo da obra, intitulado “Uma filosofia da notícia falsa”, trata das mil faces da mentira e das principais características daqueles que fabricam notícias falsas. O segundo capítulo trata do “Controle, falsificação e supressão do acontecimento”, matéria-prima do jornalismo.

O terceiro capítulo, “Jornalismo propenso à falsidade”, trata dos setores da imprensa que estão mais próximos da fronteira entre jornalismo e “não jornalismo”. Jornalismo de guerra, assessorias de imprensa, entrevistas e coletivas de imprensa são analisados. O quarto capítulo, “Jornalistas venais”, trata da venalidade na imprensa. Por dinheiro e/ou poder, jornalistas se deixam seduzir e ser usados desde o Correio Braziliense, de Hipólito da Costa, primeiro jornal brasileiro, que circulou entre 1808 e 1822.

O quinto capítulo, “Jornalismo de entretenimento”, trata do humor e da sátira como instrumentos para fazer frente à influência dos poderosos. A hipótese do autor é que, embora contem com a cumplicidade dos leitores para deformar pessoas e acontecimentos com exageros e certa crueldade, não deixam de estar incluídas entre as faces da mentira.

O sexto capítulo, “Verdade e falsidade nos estudos sobre jornalismo”, é focado nas críticas de pesquisadores da área ao chamado quarto poder. Da incompletude das coberturas, os fatos apresentados de forma incorreta, as injustiças e os vieses ou mesmo o simples fato de ignorar um acontecimento relevante.

O trabalho de Paulo da Rocha Dias não pode ser simplesmente visto como um ataque à instituição jornalística. O autor não é um cético do jornalismo, ao contrário, reconhece que se trata de uma necessidade social indispensável. Ocorre

que a prática jornalística sempre teve que lidar com deformações e a proximidade com a mentira e a falsidade deliberada.

Isso pode ser visto em regimes autoritários, onde se tem controle sobre os acontecimentos e o conteúdo da imprensa por meio de sanções e censura. Além dos vieses, tendenciosidades e distorções que, como defende o autor, são impostos pela própria natureza da profissão

Não obstante a luta contra os defeitos e as degenerações, a instituição jornalística é e permanecerá sempre superficial, a-contextual e incapaz de dizer toda a verdade. O resultado em nossa mente será sempre uma memória fragmentada, plena de pormenores isolados e fora do contexto mais amplo do fato ou do acontecimento (Dias, 2022, p. 165).

Notícias falsas podem ser encontradas em todas as épocas da imprensa. E esse tema vem sendo estudado desde o surgimento do jornalismo por pesquisadores que se debruçaram sobre o assunto e denunciaram seu efeito devastador para toda a sociedade. Nas palavras do autor, “O rumor pode ser seu ancestral mais antigo. O pasquim pode ser seu pai, o jornalismo convencional pode ser seu irmão mais velho” (Dias, 2022, p. 166).

Assim como o surgimento das redes sociais digitais, quando da criação da imprensa as notícias falsas tiveram um novo impulso e vem sendo assim, ao longo da história, a cada nova revolução tecnológica. O primeiro impacto na sociedade costuma ser o da desorientação, mas em seguida, as instituições aprendem a lidar com essas velhas-novas companhias.

Parafraseando Rui Barbosa, Dias defende que ao contrário das picadas de serpentes, cujo antídoto é feito com veneno, o combate às mentiras deve ser feito com a verdade. Por isso, ressalta o autor, é fundamental não perder a credibilidade, preservar a ética profissional e o anseio da busca pela verdade dos fatos. O livro de Paulo da Rocha oferece uma oportunidade para que se reflita sobre as questões éticas dessa prática profissional, trazendo embasamento teórico e evidências empíricas para discussões que são importantes demais - seja na formação do estudante de Jornalismo ou na atuação do repórter formado - e que não podem ser reduzidas às paixões e ao corporativismo.

REFERÊNCIAS

DIAS, Paulo da Rocha. **Jornalismo e notícias falsas: relações cordiais**. Florianópolis: Insular, 2022.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 116, p. 19–30, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574..> Acesso em: 17 mar. 2025.